

História e biografia: a trajetória de João Havelange (1916-2016)

Lívia Gonçalves Magalhães
UNIMONTES/UFRJ (Brasil)

O “dono do jogo”

“Por uma notável coincidência, eu convido a todos os senhores para estarem comigo em 2016, na minha cidade, neste novo Brasil, para meu aniversário de cem anos”¹

No dia 02 de outubro de 2009, a cidade do Rio de Janeiro venceu a disputa realizada pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) e foi escolhida sede dos Jogos Olímpicos de Verão 2016. Entre os que discursaram a favor da dita candidatura estava João Havelange, então membro do COI e ex-presidente da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) entre 1974 e 1998. Na ocasião, Havelange proferiu a frase citada acima, associando a celebração pessoal de seu aniversário com a vitória esportiva e política que significou a escolha para o Brasil. O discurso sintetiza um dos pontos centrais desta comunicação: a trajetória de João Havelange se confunde com a história do esporte do Brasil. O objetivo geral da proposta aqui apresentada é, dentro do período dos cem anos de vida do dirigente (1916-2016), o recorte cronológi-

¹ <http://esportes.terra.com.br/jogos-olimpicos/2016/rio-2016-ainda-nao-sabe-se-convidara-havelange-para-abertura,3c3241bf2be67c9838c7b9e634431144s3g2yiv5.html>.

co de sua atuação como dirigente esportivo e seu papel na institucionalização do esporte no Brasil.

Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange nasceu no Rio de Janeiro em 1916, filho de um empresário belga comercializador de armas. Faustin Havelange, seu pai, era dono de uma grande extensão de terras na então capital do Brasil, hoje parte dos bairros de Laranjeiras, Cosme Velho e Santa Teresa. No final da década de 1930, João Havelange graduou-se em direito, carreira que cursou paralelamente à atividade esportiva. Em São Paulo, no início dos anos 1940, assumiu como executivo a chefia da empresa de transporte Viação Cometa, cargo que manteve até a sua ida para a Fifa em 1974. Desde jovem ele sempre foi um dedicado atleta: em 1931 foi campeão juvenil de futebol pelo Fluminense Futebol Clube; como integrante da equipe de natação representou o Brasil nas Olimpíadas de Berlim (Alemanha) em 1936 e na equipe de polo aquático, nas Olimpíadas de Helsinque (Finlândia) em 1952. Também foi desde cedo que Havelange atuou como dirigente esportivo: foi integrante da Federação Paulista de Natação, da qual se tornou presidente em 1948; retornou ao Rio de Janeiro em 1951 como presidente da Federação Metropolitana de Natação e vice-presidente da Confederação Brasileira de Desportos; nos jogos Melbourne em 1956 comandou a equipe brasileira de natação. Pouco tempo depois, em 1958 foi eleito presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD).² Em 1962 passou a formar parte também do COI e, finalmente, chegou à presidência da Fifa em 1974, deixando o cargo em 1998 para tornar-se presidente de honra da entidade.³

A chegada de Havelange à entidade máxima de gestão do esporte brasileiro simbolizou uma significativa mudança no futebol do país –que já era o principal esporte para a CBD–, e o fim da liderança de uma geração de dirigentes que transformou o espaço futebolístico brasileiro com o profissionalismo.⁴ As novas diretrizes eram, principalmente, conseguir a primeira vitória

² A Confederação Brasileira de Desportos foi a entidade responsável pela organização e institucionalização do esporte no Brasil a partir de 1916, ano de sua criação, até 1979, ano em que deixou de existir e foram criadas confederações específicas para cada esporte. Sobre a CBD, ver mais em Sarmiento (2006).

³ <http://cpdoc.fgv.br/museudofutebol/joahavelange#Sumario2>.

⁴ O futebol brasileiro profissionalizou-se em 1933, num contexto de reconhecimento trabalhista tanto nacional como internacional (Magalhaes, 2010).

na Copa do Mundo. Era um momento da histórica republicana marcado pelo nacional-desenvolvimentismo, por um projeto de nação que tendia ao sucesso, e o governo de Juscelino Kubitschek era símbolo deste ideal. A CBD, dentro do quadro de institucionalização esportiva iniciado na década de 1930 com Getúlio Vargas, refletia tais ambições.

Assim, na Copa do Mundo de 1958, realizada na Suécia, a estratégia da entidade visava superar o derrotismo dos anos anteriores:

A ideia, encampada pela nova presidência da CBD, era dotar o selecionado brasileiro de todo um conjunto de forças auxiliares que pudessem promover a superação de suas tradicionais deficiências. Para vencer era necessário organizar-se, programar-se estrategicamente e curar mazelas físicas, morais e psicológicas. Só assim se poderia pavimentar o caminho para a conquista mundial. Encontramos embutida nesse discurso uma clara proposta civilizatória, que procurava incorporar à representação simbólica da nacionalidade um conjunto de elementos então associados à modernidade e ao progresso. Nesse sentido, a seleção brasileira de futebol enviada à Suécia poderia servir de parâmetro para a sociedade brasileira. O atraso só podia ser superado através da organização científica do trabalho (Sarmiento, 2006, p. 97).

A nova estrutura incluía uma comissão técnica completa, não apenas com um técnico, mas com um grupo de profissionais que trabalharia como na lógica de uma empresa privada, com tesoureiro, empresário etc. O foco deixava de ser a organização esportiva e a CBD se transformava aos poucos em um modelo administrativo empresarial.⁵ A estratégia de Havelange deu certo, e o Brasil finalmente consagrou-se campeão do mundo em 1958. Iniciou-se, a partir de então, uma nova “era” no futebol nacional com as mudanças incorporadas por João Havelange.

A conquista do primeiro campeonato foi celebrada como triunfo nacional nas ruas do país. O então presidente Juscelino Kubitschek, amigo pessoal de Havelange, fez questão de receber os jogadores e toda a comissão, e partici-

⁵ Nesta lógica, o futebol era o foco principal já que era também a principal fonte de lucros da entidade. Com isso, diminuía cada vez mais o investimento e interesse em outras modalidades esportivas.

par da festa coletiva. De certa forma, a modernização do Brasil se via refletida na própria CBD, e o presidente Juscelino inaugurava uma prática que seria comum a todos os outros presidentes cujos mandatos foram marcados por vitórias em copas do mundo.

Entre as medidas tomadas pelo novo dirigente à frente da CBD, estavam o investimento em amistosos da seleção, aumentando a arrecadação da entidade, o que também foi feito através de empréstimos a longo prazo com a Caixa Econômica Federal e, após o êxito internacional com a conquista do tricampeonato na Copa De 1970, com publicidade. Havelange permaneceu na presidência da CBD até 1975, consolidando por um breve período o cargo com a liderança da Fifa.

Durante a presidência de Havelange na CBD, a seleção brasileira de futebol foi três vezes campeã da Copa do Mundo da Fifa: em 1958 na Suécia, 1962 no Chile e 1970 no México. A conquista do tri campeonato, durante o governo do General Emílio Garrastazu Médici, marcou o início do que seria uma das mais fortes críticas ao dirigente: as associações e negociações com ditaduras e regimes autoritários. A posição do dirigente permaneceu sempre a mesma, de despolitização de seu papel como dirigente esportivo: “Os aplausos de 1970 foram os mesmos de 1958 e 1962. Futebol, você me perdoe, não se mistura com nada” (Rodrigues, 2007, p. 129).

Em relação à ditadura civil-militar, a derrota na Copa da Inglaterra em 1966 colocou a CBD e seu presidente em uma situação delicada frente às pressões oficiais. Havelange optou por certa abertura de poder dentro da CBD, e criou, em 1968 a Comissão Seleccionadora Nacional (Cosena), responsável pelos principais pontos na gerência da seleção: a escolha da comissão técnica e do treinador, e a análise dos jogadores escalados. Esta comissão era formada por dirigentes esportivos e também por representantes de políticos, o que significou uma entrada direta do governo na CBD, ou seja, uma forma de integração entre a entidade, antes fechada por Havelange, e os militares (Magalhaes, 2014).

A transformação feita por Havelange não se limitou à CBD e ao esporte brasileiro, foi também posteriormente para a Fifa. Naquele contexto da década de 1970 e expansão do futebol mundial, o brasileiro soube negociar e trazer como seus aliados à Fifa países que se consideravam excluídos da entidade, por seu forte caráter eurocêntrico. Sua eleição foi marcada por ten-

sões entre europeus e sul-americanos e, de fato, como se verificaria ao longo do período em que esteve à frente da entidade, o dirigente sempre soube se aproveitar das divisões políticas entre as federações e as múltiplas disputas de poder a seu favor.

Havelange assumiu a Fifa após a Copa do Mundo de 1974, na Alemanha. A primeira competição organizada por ele foi a Copa do Mundo de 1978 na Argentina, torneio que recebeu diversas denúncias em função da violenta ditadura que vigorava, desde 1976, no país-sede. O evento na Argentina havia sido confirmado em 1973 pelo regime da então presidente Isabel Perón, e ainda durante o mandato como presidente da FIFA de Stanley Rous. Não obstante, a proximidade das relações entre Havelange e a Junta Militar que governava o país reforçaram as críticas que sofreu na época em que dirigia a CBD, referente à sua associação e relações com ditaduras.

Mas as denúncias não se limitaram às ditaduras dos anos 1970 e 1980 no Cone Sul. Em 1995, Havelange foi questionado por seu apoio à candidatura da Nigéria –país que era acusado de ser uma ditadura que praticava graves violações aos direitos humanos pela União Europeia–, como sede do Mundial sub 20 de futebol masculino organizado pela Fifa: “La Unión Europea son 12 países (sic) y la FIFA 193”, respondeu o dirigente.⁶

É interessante destacar esta retórica constante de *despolitização* de sua atuação como dirigente esportivo utilizada por João Havelange. Ao longo de sua trajetória, o dirigente sempre reafirmou seu discurso de que “futebol e política não se misturam”, abrindo, assim, um leque de possibilidades para sua atuação:

⁶ http://elpais.com/diario/1995/12/12/deportes/818722802_850215.html. A mesma reportagem destaca como em 1995, quando a União Europeia bloqueou a entrada de nigerianos em seu território como pressão pela situação política do país africano, Havelange conseguiu a liberação da delegação nigeriana para o sorteio dos grupos da Copa de 1998: “El máximo organismo futbolístico mundial logró ayer que la delegación de Nigeria entrara en París, pese a la prohibición de pisar cualquier país de la Unión Europea. No les valían tampoco los visados. Cooper, jefe de prensa de la FIFA, explicó que estuvieron realizando gestiones ante el Ministerio de Asuntos Exteriores francés. Los diplomáticos, finalmente, accedieron a que los nigerianos entraran en París y fueran al sorteo siempre y cuando la FIFA garantizara que la expedición estaba compuesta por gente del deporte y no del mundo de la política y que constara expresamente que la invitación no la formulaba Francia”.

Primeiro eu nunca fiz política, não entra. Segundo, eu respeitei o sentimento de cada um, sobre aspecto de cultura e política eu não tenho nada a ver com isso, eu administro. (...) Eu acho que a gente quando é um atleta não tem que ver se a política é isso ou aquilo, ou então a senhora não vai ao país. Eu vou no país, eu vou respeitar. Eu fui muitas vezes ao Sadam Housseim, não era fácil. Mas nunca deixei de ir, sempre me recebeu. Nos primeiros momentos era mais violento, desagradável, depois se acalmava. Eu não tenho nada a ver com Israel, nem com “A”, nem com “B”; não faço política.⁷

Apesar das disputas e polêmicas, a “era Havelange” –como ficou conhecida pela opinião pública– foi de grandes transformações tanto para a FIFA como para o esporte mundial. Na página da entidade, o dirigente é descrito como:

presidente da FIFA durante 24 anos, comandando um período de profundas mudanças na organização. Nadador e jogador de polo aquático olímpico quando jovem, Havelange se destacou como administrador de futebol pelo aumento do número de participantes da Copa do Mundo da FIFA de 16 para 32, pela criação de novas competições (os Mundiais Sub-17 e Sub-20 no final da década de 80; a Copa das Confederações da FIFA e a Copa do Mundo Feminina da FIFA no início da década de 90) e pela maior participação de seleções da Ásia, África, CONCACAF e Oceania, regiões que juntas haviam tido apenas três vagas na Copa do Mundo da FIFA 1974. O número de funcionários da sede da FIFA em

⁷ João Havelange. Entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 28/01/2010. Esta postura não foi exclusiva de seu período na CBD, mas também durante a presidência da FIFA Havelange insistiu em que não sofreu qualquer tipo de pressão política, e que tampouco as entidades se envolveram em questões fora do âmbito esportivo. A afirmação de Havelange (compartilhada por outros dirigentes esportivos, como Stanley Rous) merece ser questionada, considerando tanto entidades nacionais como internacionais do esporte. A FIFA, por exemplo, ao longo de seus cem anos teve diversas posições políticas claras, inclusive durante a presidência de Havelange, como o caso citado do apartheid na África do Sul, e a visita de Havelange ao ditador iraquiano Saddam Hussein. A questão é que tais entidades se posicionam apenas em determinadas situações, e a aceitação de outras, como eventos e membros de países ditatoriais, é justificada com o discurso do apolítico.

Zurique passou de 12 para quase 120 em função das maiores responsabilidades comerciais e de organização.⁸

Durante seu mandato, multiplicaram-se e diversificaram-se os recursos da entidade, e a reformulação que a mesma sofreu permitiu também um aumento significativo no número de membros, sendo que hoje possui mais países que a Organização das Nações Unidas (ONU).⁹ Em um editorial publicado em razão da inauguração da Copa do Mundo de 2006 na Alemanha, o então secretário geral da ONU, Kofi Afta Annan comentou esta diferença:

Você pode estar se perguntando por que o secretário-geral das Nações Unidas está escrevendo sobre futebol. Mas a Copa do Mundo faz com que nós, nas Nações Unidas, morramos de inveja. Como o único jogo realmente global, praticado em todos os países, por todas as raças e religiões, é um dos poucos fenômenos tão universais quanto as Nações Unidas. Podemos até dizer que é ainda mais universal. A FFA tem 207 membros. Nós temos 191.¹⁰

Nos 24 anos em que Havelange esteve na presidência da entidade, aumentaram também os contratos publicitários, transformando a instituição e o futebol mundial em um grande modelo empresarial. Segundo o dirigente, tal transformação foi resultado de uma bem-sucedida administração:

Agora, para fazer isso eu tive que conseguir dinheiro. Quer dizer, o que eu chamo administrar. Jogar futebol é uma coisa. Administrar é outra

⁸ www.fifa.com, site consultado em 25/03/2016.

⁹ A FIFA possui em abril de 2016 209 nações filiadas, já a ONU possui 193 (www.fifa.com, www.un.org). Entretanto, alguns membros da FIFA não são reconhecidos como países soberanos.

¹⁰ Publicado dia 12/06/2006 no Editorial do Jornal *The New York Times*, http://www.nytimes.com/2006/06/09/opinion/09iht-edannan.1940224.html?_r=0, site consultado dia 20/10/2012. “You may wonder what a secretary general of the United Nations is doing writing about football. But in fact, the World Cup makes us at the United Nations green with envy. As the pinnacle of the only truly global game, played in every country by every race and religion, it is one of the few phenomena as universal as the United Nations. You could even say it’s more universal. FIFA has 207 members; we have only 191”. Tradução realizada pela autora.

coisa. Eu posso administrar um hospital divinamente bem e não operar; o médico opera e administra mal.¹¹

Em 2011 as denúncias contra Havelange sobre o período em que esteve na presidência da FIFA tornaram-se tema em diversas investigações judiciais na Suíça e na imprensa de todo o mundo. Em 2012 o dirigente respondeu às denúncias sobre seu envolvimento no suborno recebido pela empresa International Sports Leisure (ISL), responsável pela transmissão das Copas do Mundo e que trabalhava com o marketing da FIFA. Tais acusações fizeram com que Havelange renunciasse ao seu cargo no COI em dezembro de 2011, evitando assim sua possível expulsão e a divulgação pública das acusações.¹² Em julho de 2012 a justiça suíça tornou públicos os valores das comissões que teriam sido recebidas, assim como o processo envolvendo o ex-dirigente. Em 2014 e 2015, a pedido da justiça dos Estados Unidos, diversos dirigentes da Fifa e de federações associadas –entre eles José Maria Marin, ex-presidente da CBF– foram presos na Suíça e deportados para os EUA.¹³ As ações trouxeram à tona denúncias realizadas por décadas por jornalistas esportivos e questionaram de vez a memória de tais dirigentes.

João Havelange é um destacado personagem brasileiro do século XX. Como dito, sua trajetória se confunde com a institucionalização do esporte no país e no mundo. Utilizamos aqui como marco o centenário de vida de Havelange (1916-2016), dando ênfase em seu período como dirigente desportivo. Importante é ressaltar que a vida como atleta iniciou-se na década de 1930, no futebol e nos esportes aquáticos, em um momento em que o Estado está tomando a questão esportiva para si. Finalmente, nossa proposta é pensar em que medida a história pessoal de Havelange reflete as relações das elites brasileiras com os projetos modernizantes que se sucederam no país ao longo do século XX.

¹¹ João Havelange. Entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 28/01/2010.

¹² Folha Online, “Havelange renuncia ao COI dias antes de possível expulsão”, 04/12/2011, consultado no dia 07/12/2011. O caso que segue na justiça Suíça refere-se à falência da empresa ISL, e inclui denúncias contra diversos dirigentes do futebol mundial, entre eles João Havelange e o ex-presidente da CBF, Ricardo Teixeira.

¹³ http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/28/deportes/1432811557_886835.html.

Biografia e história

Trajetórias pessoais e biografias são um interessante campo de trabalho para o historiador. Um dos desafios desta pesquisa é considerar e dialogar com as outras biografias de Havelange já citadas, considerando-as como fontes e relatos construídos de memória. Se por um lado Havelange insistiu em deixar uma versão autorizada de sua biografia, sua trajetória foi e permanece espaço de disputa e crítica de outros indivíduos, especialmente jornalistas esportivos.¹⁴

É desta forma que entendemos a importância do estudo da biografia de João Havelange para melhor compreensão das relações das elites com o Estado e com os diversos regimes –democráticos, ditatoriais ou de transição no século XX–. Neste sentido, nos parece interessante e útil o contato com determinada historiografia europeia, como o historiador Ian Kershaw, biógrafo de Adolf Hitler. Acreditamos que metodologicamente, a abordagem proposta pelo autor é válida para pensar o caso brasileiro, na medida em que propõe reconciliar “o método personalizado da biografia e as abordagens contrastantes da história social” (Kershaw, 2010, p. 33).

De maneira mais ampla, é importante, na medida em que nossa proposta propõe discutir as problemáticas relativas à escrita biográfica da história, situá-lo no âmbito das discussões teóricas e metodológicas que o tema coloca aos historiadores: os limites entre *história* e *literatura* ou entre o *científico* e o *ficcional* (Levi, 1996); o *retorno da narrativa* –Jacques Le Goff teria afirmado sobre este assunto que “uma biografia não *événementielle* não tem sentido” (Le Goff, 1990, p.1)–; a *ilusão biográfica* detectada por Pierre Bourdieu (Bourdieu, 1996). Todos temas fundamentais para o desenvolvimento das reflexões a respeito da escrita biográfica de João Havelange.¹⁵ Assim, esta pesquisa se insere no campo dos recentes estudos em ciências sociais que possibilitaram a renovação do gênero biográfico.

As novas abordagens partem do princípio de que a identidade de um indivíduo é construída progressivamente através de um percurso não-linear e contraditório, sendo que o estudo do destino de um indivíduo deve ter por

¹⁴ Destacamos aqui as constantes denúncias contra João Havelange feitas pelo inglês Andrew Jennings e o brasileiro Juca Kfourir, por exemplo.

¹⁵ Sobre este tema, destacaria ainda algumas leituras importantes. Cf., dentre outros: Dosse (2009); Castro Gomes (2004); Souza (2007); Sá Avelar (2010).

objetivo interpretar o meio no qual ele se insere. Trata-se, principalmente daquilo que Giovanni Levi chamou de *biografia contexto*. Para o historiador italiano, trata-se da reconstituição de um contexto histórico através do estudo da trajetória de um indivíduo e da normalização de comportamentos típicos do meio social no qual ele está inserido, a fim de se elaborar um “retrato de uma época ou um grupo” (Levi, 1996, p. 170). Não se trata, portanto, da mera reconstrução de trajetórias individuais, mas sim de tentar captar as superfícies sociais nas quais inserem-se as vidas de determinados sujeitos, através da busca dos variados e dinâmicos tempos e espaços sociais em questão, e das relações travadas dentro deles, tal como sugere Bourdieu.

É, portanto, tendo em vista esta compreensão específica do *problema biográfico* que acreditamos em poder abordar a trajetória de vida de Havelange. O interesse por João Havelange como “personagem” surgiu a partir de estudos que procuravam analisar as relações de consenso e consentimento entre sociedades e ditaduras no Cone Sul a partir do espaço esportivo. Neste contexto, Havelange nos permite pensar também tais relações, retomando a ideia de *ambivalência* ao longo de sua trajetória.

Neste sentido, nos interessa incorporar ao debate o que Pierre Laborie denominou *penser-double* ou *zona cinzenta* para compreender os comportamentos dos *franceses comuns* sob o regime de Vichy e a ocupação nazista entre 1940 e 1944. O *penser-double* faz referência à imagem dos franceses portando neles próprios sentimentos opostos, mas partilhados, reenviando “à ideia do homem duplo, deste que é um e outro ao mesmo tempo, mais pelo peso de uma necessidade exterior que pelo cálculo cínico ou interesse” e, nesse sentido, explica a forte presença dos modos de pensar ambivalentes na opinião comum (Laborie, 2003, p. 33).

Para o historiador, perceber os comportamentos coletivos dos franceses sob Vichy pelo prisma da ambivalência abre portas ao historiador e alarga suas possibilidades de análise na medida em que nos permite pensar as “contradições não mais em termos antinômicos – resistentes ou petanistas, gaullistas ou *attentistes*” (Laborie, 2003, p. 32). Daí, ainda de acordo com o autor, a importância de se recuperar os códigos culturais da época, as *palavras* –para o caso francês–, dos anos 1940, “os modos de presença no mundo dos atores sociais” ou as “formas de racionalidade dos sistemas de representações mentais” para, desta forma, recuperar “alguns dos mecanismos essen-

ciais que comandam os comportamentos” (Laborie, 2003, p. 29). No caso de Havelange, como aponta Burlamaqui Rocha:

No trato direto com os políticos no sentido estrito, há uma espécie de história que, nas diversas memórias e entrevistas de Havelange, se repete de forma cíclica, assumindo a estrutura simbólica do mito, pouco importando o espaço, os personagens, o tempo ou mesmo o lugar em que ela é narrada: de forma quase idêntica, usando, em diversas ocasiões, argumentos iguais, Havelange aparece como mediador dos conflitos entre a direita e a esquerda (ou vice-versa): Lacerda/ Jango, Brizola/Figueiredo, exilados políticos/ ditadores do Cone Sul e tantos outros mais (Rocha, 2013, p. 7).

Guardadas as devidas proporções e diferenças de contextos entre a França de Vichy e o longo período da história republicana brasileira que a vida de Havelange engloba, os conceitos elaborados por Pierre Laborie mostram-se frutíferos para pensar a realidade brasileira na medida em que nos apontam justamente para a possibilidade de apreender a complexidade dos comportamentos sociais naquele período.

Uma outra categoria de análise fundamental nesta pesquisa diz respeito às discussões relativas à *memória*. Neste sentido, consideramos que temos duas distintas problemáticas. A primeira delas refere-se à questão da memória esportiva do período, que marca a vida de João Havelange por seu destaque como dirigente esportivo.

Durante muitos anos, a memória que permaneceu sobre a associação entre esporte e poder foi a do uso negativo do desporto a favor de interesses políticos. De fato, a abordagem mais comum feita sobre a relação entre esporte e política é relacionada ao seu uso de governos autoritários como forma de legitimação, propaganda política e consenso. Segundo Douglas Vasconcellos:

O macrocosmo da agenda internacional relaciona também, desde a época prévia ao aparecimento desses novos temas, a questão momentosa do esporte, que serviu de móvel, mote e meio de propagandas nacionalistas, de teatro de peças políticas, de palanque de discursos populistas e de plataforma de pretendido domínio ideológico. No lado genuíno e positivo, o esporte serve de instrumento e cenário de sua divulgação institucional

dos países, de percuciente formação de imagem externa, de pacificação e conagraamento mundial (Vasconcellos, 2011, p. 7).

Este foi o caso da Copa do Mundo da Itália em 1934 e dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. Estes dois eventos tornaram-se referência nas análises do papel do esporte na política, ao mesmo tempo em que cultivaram uma imagem negativa desta relação. No caso da América Latina, o papel que o futebol representa nessas sociedades também foi associado ao período dos últimos regimes autoritários das décadas de 1960 e 1970. Neste sentido, a Copa do Mundo de 1978, realizada na Argentina sob a ditadura civil-miliar mais violenta que viveu aquele país (1976-1983), criou a memória da “Copa da ditadura”, mistificando que aquela foi uma conquista do próprio regime, ignorando outras variáveis, atores e realidades que viveram aquele evento (Magalhaes, 2014). É interessante contrastar esta percepção com o posicionamento de Havelange de que sua atuação como dirigente esportivo teria sido *apolítica*.

Por outro lado, devemos considerar também a construção de memória que o próprio João Havelange procura deixar como “legado”. Neste sentido, vale a ressalva de Le Goff de que a memória também representa tanto um instrumento como um objetivo de poder na sociedade (Le Goff, 1986).

Desde a perspectiva proposta por Gilberto Velho, podemos entender que estas disputas são marcadas por diferentes *memórias* e *projetos*, que articulados buscam construir *identidades*: “...existe uma tendência de constituição de identidades a partir de um jogo intenso e dinâmico de papéis sociais, que se associam a experiências e a níveis de realidade diversificados, quando não conflituosos e contraditórios” (Velho, 1994, p. 8). Portanto, trata-se também de problematizar esta disputa de memória envolvendo a trajetória de João Havelange.

Considerações iniciais

*Na hora de ir embora a gente tem que deixar saudade, e não pena.*¹⁶

Em 2007, o jornalista Ernesto Rodrigues lançou a biografia *Jogo Duro: a história de João Havelange*. Apesar de ter sido lida pelo dirigente antes da publicação, Rodrigues abre o livro explicando a crítica feita à obra:

¹⁶ Havelange, citado por Rodrigues, 2007, p. 396.

João Havelange foi a primeira pessoa a ler esta biografia. E não gostou de tudo que leu. (...) Na mesma carta, porém, Havelange reafirmou que tinha conhecimento do conteúdo do projeto de biografia e que reconhecia nele “critérios necessários” para qualquer obra que tivesse como objetivo resgatar sua trajetória “como esportista, dirigente e cidadão brasileiro. (Rodrigues, 2007, p. 9)

Segundo o autor, Havelange não estava satisfeito com o resultado por não se tratar de uma obra memorialística, de exaltação de sua trajetória.¹⁷ Alguns anos depois, em 2011, o Comitê Olímpico Brasileiro lançava “João Havelange - o dirigente esportivo do século XX”, esta sim, uma obra aprovada pelo ex-dirigente:

A vida do ex-presidente da Fifa João Havelange agora está oficialmente registrada nas páginas de um livro. Emocionado, o homem que presidiu a Fifa por 24 anos autografou e presenteou com um exemplar todos os convidados que prestigiaram o lançamento de sua biografia.¹⁸

A publicação em um espaço tão curto de tempo de duas obras que procuram dar conta da trajetória de vida de Havelange e as diferentes reações do ex-presidente da Fifa a elas nos permite pensar as disputas e conflitos que envolvem este tipo de trabalho. Além disso, nos permite também pensar a memória que grupos de elite pretendem construir sobre si próprios, considerando, como aponta Luciana Heymann que “As elites sempre erigiram lugares para preservar a sua memória, tanto coletivamente em espaços e manifestações consagrados a determinados grupos, como individualmente, situação na qual o foco é colocado sobre uma trajetória pessoal” (Heymann, 2011, p. 78).

Estudar a biografia de João Havelange –e aqui é fundamental incluir as versões já produzidas desta trajetória– nos permite um novo olhar sobre a

¹⁷ Em 2013, Ernesto Rodrigues lançou o documentário “Conversas com JH”, no qual denunciava ter sofrido censura por parte de João Havelange. <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/62099/documentario+de+ernesto+rodrigues+expos+censura+de+joao+havelange+a+biografia>.

¹⁸ <http://esportes.terra.com.br/futebol/havelange-lanca-biografia-e-diz-que-foi-as-lagrimas-com-lembrancas,984815b67b49a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>.

História do Tempo Presente brasileira, especialmente a partir da década de 1930, quando ele consolidou sua presença esportiva e iniciou seu caminho como homem público. Afinal, como aponta Bourdieu, não é possível de fato conhecer uma trajetória

sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado –pelo menos em certo número de estados pertinentes– ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (Bourdieu, 1996, p. 90)

Esta proposta de trabalho situa-se em um contexto de expansão dos estudos biográficos na academia, de uma maneira geral e no Brasil em particular. Em *O desafio biográfico* (EdUSP, 2009), François Dosse analisa as possibilidades de escrita biográfica da história e os processos a partir dos quais, ao longo dos tempos, historiadores “profissionais ou não tentaram reabilitar a biografia”. Para tanto, um dos caminhos que o autor busca percorrer é o estudo do mercado editorial francês e aquilo que ele chama *a febre biográfica*. Segundo ele,

O mercado de biografia sempre foi bom. Na época do triunfo da história dos *Anais*, no domínio da história erudita, a biografia histórica continuou a ter seus editores, seu público apaixonado e, conseqüentemente, seu enorme sucesso editorial. Certo, nem por isso a biografia histórica se tornou um gênero legítimo. Foi mesmo, muitas vezes, desprezada como simples ‘historieta’ para ‘plumitivos’, no dizer de historiadores profissionais (Dosse, 2009, p. 19).

Nesse sentido, o autor buscava compreender o lugar da biografia como objeto da história ou, antes, as formas a partir das quais o processo de renovação da História Política transformou a biografia em espaço importante para se compreender não apenas trajetórias individuais e coletivas, mas também as sociedades que produziam e davam sentido àquelas trajetórias. De maneira geral, é em diálogo com este contexto de renovação da história política e dos estudos biográficos que situo a minha proposta.

Tanto em períodos democráticos como autoritários, Havelange sempre manteve relações com o poder. Portanto, trata-se de um personagem importante também para debater duas questões de destaque hoje na historiografia: a *continuidade* e a *ambivalência*, como vimos ao longo destas páginas. O objetivo da pesquisa é aprofundar, nos próximos anos, tais questões e ampliar a trajetória de Havelange em relação às suas ações na história do esporte sul-americano e mundial.

Referências bibliográficas

- Bourdieu, P. (1986). A ilusão biográfica. In J. Amado y Ferreira, M. de M. (Orgs.), *Usos e abusos da história oral* (pp.183-191). Rio de Janeiro: FGV.
- Castro Gomes, Â. de (Org.). (2004). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV.
- Dosse, F. (2009). *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP.
- Heymann, L. Q. (2011). Memórias das elites: arquivos, instituições e projetos memoriais. *Revista Pós Ciências Sociais*, 8.
- Kershaw, I. (2010). *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Laborie, P. (2003). *Les français des années troubles. De la guerre d'Espagne a la Liberation*. Paris: Seuil.
- Le Goff, J. (1986). *Memória/História*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Le Goff, J. (1990). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes.
- Levi, G. (1996). Os usos da biografia. In J. Amado y Ferreira, M. de M. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral* (pp.167-182). Rio de Janeiro: FGV.
- Magalhaes, L. G. (2010). *Histórias do Futebol*. São Paulo: APESP.
- Magalhaes, L. G. (2014). *Com a taça nas mãos: sociedade, copa do mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj.
- Organização do Comitê Olímpico Brasileiro. (2011). *João Havelange: o dirigente esportivo do século XX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- Rocha, L. G. B. S. P. (2013). No coração de Havelange: memória, biografia e narrativa na simbólica de um livro sobre o maior dirigente de futebol do século XX. *Esporte e Sociedade*, 21, 1-33.
- Rodrigues, E. (2007). *Jogo duro: a história de João Havelange*. Rio de Janeiro: Record.

- Sá Avelar, A. de (2010). A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. *Revista de História (UFES)*, 24, 157-172.
- Sarmiento, C. E. (2006). *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC.
- Souza, A. B. de (2007). Biografia e Escrita da História: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. *Revista Universidade Rural. Série Ciências Humanas*, 29, 27-36.
- Vasconcellos, D. W. (2011). *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão.
- Velho, G. (1994). Memória, Identidade e Projeto. In *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar.

Fontes Orais

- João Havelange. Entrevista concedida à autora (Lívia Gonçalves Magalhães) no Rio de Janeiro, RJ, no dia 28/01/2010.